

À descoberta de padrões: As peças em tecelagem artesanal de Joana Dias (Parte II)



RICARDO CUNHA TEIXEIRA
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE
DOS AÇORES, RTEIXEIRA@UAC.PT

Voltamos à conversa com Joana Dias sobre o trabalho que tem desenvolvido no âmbito da tecelagem tradicional, que pode ser apreciado no blog: <http://joanadiastecelagem.blogspot.pt/>.

Joana Dias explica as diferentes fases de execução de uma peça: “Primeiro há que fazer a teia. Aqui reside o grande segredo da tecelagem: na preparação da teia e na consequente preparação do tear está mais de metade do trabalho feito. Em seguida, escolho os fios de trama para cobrir a teia. Se forem retalhos, por exemplo, tenho de os cortar, o que demora muito tempo. Confesso que, por vezes, esta é uma tarefa cansativa que me retira algum ânimo e energia. Já o tecer propriamente dito é relativamente rápido, mas é o mais interessante. Só por isso tudo o resto vale a pena!” De facto, é nesta fase que se define o padrão da peça e as simetrias que o caracterizam. É sobretudo esta componente criativa que entusiasma a nossa artesã. Joana prossegue a sua explicação: “Depois de o tecido estar pronto, há que costurar e lavar a peça. Tenho especial cuidado com a etiquetagem das peças e com as embalagens que as acompanham, pois os tecidos são muito sensíveis à exposição.”

Joana destaca o trabalho de algumas pessoas que admira: “Tenho algumas tecedeiras que sigo com muita atenção. Desde logo, a Lurdes Lindo e a Mary Anne Melo, colegas de São Miguel. Outra referência é a artesã holandesa Helena Loermans, que vive em Odemira e é representante de uma marca de teares. A Helena tece com fios inteligentes (fios que mantêm a temperatura corporal constante), misturados com desperdício têxtil. Já viajei também até São Jorge e constatei que os trabalhos feitos naquela ilha são de uma beleza e riqueza verdadeiramente extraordinárias, escapando à banalidade e à moda do artesanato que agora começa a proliferar um bocadinho por todo o lado.”

A artesã acrescenta: “Penso que os trabalhos de artesanato se fazem, por vezes, ao contrário do que deveria ser. Numa busca pela modernização do artesanato, perde-se o que realmente é tradicional e ‘de mestre’ para entrarmos numa banalização de que tudo o que é feito à mão é artesanato. Por vezes, não sinto que haja uma vontade de preservar o que é verdadeiramente nosso, cedendo-se às pressões do souvenir para o turista, das miniaturas e afins, em vez de se ir à essência das coisas e partir daí para uma utilização real do objeto e/ou da técnica. Está a banalizar-se um saber fazer que antes se chamava de ofício e não de artesanato, usando-o como aspeto meramente decorativo, de utilização aleatória, que podia ser aquela ou outra qualquer.”

Em relação à diversidade de peças que tem desenvolvido, Joana refere: “A tecelagem tem um problema de venda que se baseia no tamanho das peças. Como é um trabalho que demora e que implica a utilização de materiais de qualidade, o resultado são peças grandes (por exemplo, mantas e cobertores) difíceis de transportar e que custam



muito dinheiro. O preço acaba por não ser muito elevado tendo em conta que são peças que valorizam com o passar dos anos. Contudo, não é fácil encontrar, em geral, quem tenha essa disponibilidade financeira. Por este motivo, tenho optado por fazer peças mais pequenas, que demoram menos tempo e requerem menos matéria prima, mas que usam padrões tradicionais. Desta forma, consigo disponibilizar peças mais baratas, mas igualmente simbólicas, com raízes açorianas e que respeitam o saber fazer que é realmente nosso.”

Joana prossegue com entusiasmo: “Participei numa residência criativa com a designer Teresa Neves, na Cooperativa de Artesanato de Santa Maria, e a verdade é que desde então tenho-me interessado muito pelo trabalho com retalhos e pela ideia de dar uma segunda oportunidade à roupa velha, cortando-a e usando-a como fio para o tear. Os resultados podem ser igualmente surpreendentes e na verdade, tal como defende a Teresa, podemos ter a nossa T-shirt que adorávamos, mas que se rompeu com o uso, reconvertida noutra peça. O mesmo em relação à peça de roupa de alguém que nos é especial mas que por algum motivo já não pode estar presente.”

Sobre o feedback do trabalho desenvolvido ao longo dos anos, a artesã refere: “Considero-me uma pessoa de sorte pois, na verdade, tenho recebido críticas bastante positivas. Gosto muito dos momentos em que trabalho ao vivo em feiras e exposições, pois o contacto com os visitantes é extremamente importante para mim. Muitas pessoas,

geralmente de idade mais avançada, dizem-me que as suas avós eram tecedeiras mas, olhando para a minha forma de trabalhar, afirmam logo que antigamente era bastante mais penoso tecer. De certa forma, sinto que as pessoas relembram o passado. Acabo descobrindo que muita gente fazia o que eu faço, mas que agora já não faz...” Joana prossegue: “Aqui, em Santa Maria, onde resido, temos bom ambiente e camaradagem na comunidade artesã, o que nem sempre é fácil de conseguir entre pessoas com temperamento artístico. Trocamos frequentemente ideias relativamente a novos produtos ou oportunidades de comercialização.”

Quando questionada se, na confecção das peças, tem preocupações acrescidas quando pretende obter simetrias, Joana refere: “No tecer, não tenho cuidados adicionais. Já quando corto o tecido, a repetição do padrão para mim é um fator preponderante. Por vezes, desperdício muito na procura do corte certo para aquele padrão aparecer da forma que eu pretendo depois de costurado.”

Em seguida, analisamos as simetrias de algumas peças em tecelagem feitas pela Joana. Encontramos frisos em todos os exemplos selecionados. Os frisos são figuras que apresentam simetrias de translação numa única direção. Isto significa que estamos na presença de um friso sempre que é possível identificar um motivo que se repete sucessivamente ao longo de uma faixa, estando as cópias consecutivas do motivo igualmente espaçadas. A classificação do friso baseia-se na forma como esse motivo se repete, ou seja, na identificação de

outras simetrias que o friso possa apresentar.

Vejam os primeiro exemplo (figura 1): “Esta mala é uma peça recente trabalhada em fio de algodão e retalhos de tecido de algodão. Cada mala corresponde seguramente a mais de oito horas de trabalho. Aprendi em S. Jorge um ditado popular muito interessante: À casa da tecedeira sempre lhe faltou telha!”

Ao analisar em pormenor uma das suas faixas (figura 2), o friso em causa apresenta simetrias de reflexão em espelho (tem um eixo de simetria horizontal, que coincide com a reta horizontal a amarelo; e, supondo que o motivo se repete indefinidamente para a esquerda e para a direita, um número infinito de eixos de simetria verticais). Se o leitor colocar um espelho perpendicular à página do jornal, de modo a que a borda do espelho assente na reta a amarelo (reta horizontal que divide o friso ao meio), verá que cada lado da imagem é, de facto, um reflexo do outro. O mesmo exercício pode ser feito assentando o espelho nos eixos de simetria verticais do friso. Este exemplo também apresenta simetrias de meia-volta: se virarmos o friso “de pernas para o ar”, a sua configuração não se altera.

Na figura 3, podemos observar alguns exemplos de marcadores de livros, muito originais, feitos pela Joana: “A peça fica francamente pequena e transportável, sendo feita igualmente de modo tradicional. Tento apresentar sempre um cariz regional na escolha do motivo.”

Analisamos, de seguida, as faixas de dois marcadores de livros, ambas inspiradas em motivos existentes em muitas saias de folclore. Na figura 4, o friso apresenta simetrias de meia-volta e de reflexão em espelho na vertical. Contudo, ao contrário do friso da figura 2, este novo exemplo já não apresenta simetria de reflexão na horizontal, como se pode comprovar facilmente com recurso a um espelho. Em contrapartida, este friso apresenta simetrias de reflexão deslizante, com eixo de deslocamento coincidente com a reta horizontal que divide o friso ao meio: o efeito de ziguezague é semelhante às marcas das nossas pegadas quando caminhamos descalços na areia.

Por sua vez, o friso da figura 5 também apresenta simetrias de reflexão na vertical, mas ao contrário do friso da figura 4, já não tem simetrias de meia-volta: se virarmos este friso “de pernas para o ar” os corações ficam invertidos, pelo que não se mantém a configuração inicial.

Terminamos com o exemplo da figura 6: “É uma manta que apresenta um ziguezague desenhado por ‘espinhado’. Esta manta está no Faial, na Quinta das Buganvílias. É de lã e alpaca, pelo que tem um toque extremamente suave.” Se analisarmos cada faixa desta manta, obtemos um friso com a seguinte configuração: ... >>>>>>... Este friso não tem simetrias de meia-volta pois, ao virá-lo “de pernas para o ar”, a sua configuração altera-se (...<<<<<<...). Também não apresenta simetrias de reflexão vertical. Tem apenas uma simetria de reflexão horizontal (o eixo de simetria é a reta horizontal que divide o friso ao meio).

Em relação ao futuro, podemos ter novidades em breve, pois Joana Dias aceitou o desafio que lhe lançamos: reproduzir os 7 tipos de frisos em peças de tecelagem (como marcadores de livros, capas para cadernos ou estojos). Para já, está pronta a capa para um caderno com três tipos de frisos (figura 7). Temos “pano para mangas”, com a Matemática e o Artesanato de mãos dadas!